

**ESPAÇOS VIRTUAIS DE SOCIABILIDADES JUVENIS:
PERFORMATIVIDADES DE GÊNEROS E DE SEXUALIDADES NO FACEBOOK**

Carla Lisboa Grespan, Cleber Gibbon Ratto (orient)
UNILASALLE - CANOAS

Resumo

Este artigo tem por objetivo apresentar o projeto de tese “Espaços Virtuais de Sociabilidades Juvenis: performatividades de gêneros e de sexualidades no *facebook*”. Considerando mídia como uma das instâncias pedagógicas, concebida e organizada segundo os padrões do mercado de consumo de uma sociedade heteronormativa que representa os modos de ser feminino ou masculino e qual prática sexual é a permitida, reforçando as representações de determinados grupos em detrimento de outros, colocando estes na margem, na fronteira, na invisibilidade. Em contra ponto produziu comunidades virtuais que vem construindo modos de sociabilidades e apresentando um mosaico de performatividades de gêneros e de sexualidades que precisa ser visto como um processo de desconstrução e descontinuidade de verdades. A cultura contemporânea nos apresenta novos desenhos e configurações corporais que precisam ser considerados, caso contrário não será possível abrir novas fronteiras e abraçar uma nova genealogia das relações de gêneros e das sexualidades. Acredito que o estudo sobre as sociabilidades juvenis através de artefatos midiáticos virtuais podem potencializar as políticas de performatividades e minimizar a “vida precária” da juventude LGBT(IQ).

Palavras-chave: Juventude; Sociabilidade; Performatividade

Área Temática: Ciências Humanas

1. Introdução

A mídia é uma das instâncias pedagógicas, concebida e organizada segundo os padrões do mercado de consumo de uma sociedade heteronormativa. Apresenta modos de ser feminino ou masculino e qual prática sexual é a permitida, reforçando as representações de determinados grupos em detrimento de outros, colocando estes na margem, na fronteira, na invisibilidade. Em contra ponto produziu comunidades virtuais que vem construindo modos de sociabilidades e apresentando um mosaico de performatividades de gêneros e de sexualidades que precisa ser visto como um processo de desconstrução e descontinuidade de verdades.

A cultura contemporânea nos apresenta novos desenhos e configurações corporais que precisam ser considerados, caso contrário não será possível abrir novas fronteiras e abraçar uma nova genealogia das relações de gêneros e das sexualidades. Acredito que o estudo sobre as sociabilidades juvenis através de artefatos midiáticos virtuais podem potencializar as políticas de performatividades e minimizar a “vida precária”¹ da juventude LGBT(IQ)².

A partir da caracterização das comunidades do *Facebook* como espaços de sociabilidade e utilizando como critérios de seleção: jovem(ns)/juventude(s), LGBT(IQ), língua portuguesa e/ou espanhola e ligações com o movimento social. Foram escolhidas as comunidades: Red Nacional de Jóvenes Activistas lgbtiq (México), Coalición Latinoamericana y Caribeña de Jóvenes LGBTIQ (Latino-Americana e Caribenha), Secretaría de Juventud - Federación Argentina LGBT (Argentina), Rede Ex Aequo (Portugal), Grupo e-jovem (Brasil).

Dessa forma pesquisei estas Comunidades Juvenis LGBT(IQ) no *Facebook* analisando de que modo o “estar junto” e a “amizade” podem contribuir para potencializar as políticas de performatividades de corpos, gêneros e sexualidades e consequentemente minimizar a precariedade da “forma de viver nas sombras”, ou seja, de reexistir como sujeitos sociais.

2. Marco Teórico

O caminho acadêmico que nos constitui como sujeito de determinados discursos é marcado por escolhas teóricas que sustentam qual forma de construção do conhecimento científico dão sentido as nossas produções acadêmicas. Nesta acepção, compartilho das concepções de Boaventura Santos (2008), em relação ao conhecimento científico como algo que é socialmente construído, por isso histórico, imprevisível e múltiplo; não descobre a verdade e sim cria verdades, portanto, não é neutro; deve possibilitar o compartilhamento e para isso aberto a concessões.

O modelo de racionalidade da ciência moderna construído a partir do século XVI sob a lógica do racionalismo cartesiano e do empirismo baconiano transformaram o mundo e as pessoas em algo que pode ser quantificado, classificado e hierarquizado. Os discursos produzidos buscam na suposta essência biologicista uma forma de fixar e estabilizar os sujeitos em uma identidade hegemônica, discriminando seus corpos e suas práticas de gêneros e de sexualidades.

Os Estudos Feministas, de Gênero, Culturais, as Teorias Pós-estruturalistas e, sobretudo, os Estudos *Queer*, possibilitam este outro olhar sobre as performatividades de

¹ BUTLER, 2006.

² LGBTQI – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Transgêneros, Queer e Intersex.

gênero e de sexualidades, dissociando a pretensa ordem linear entre sexo, gênero e desejo; fazendo emergir a discussão sobre as transformações sociais e biotecnológicas que colocam o corpo, seus atributos, sensações e desejos, no centro do interesse das produções acadêmicas.

A pesquisa se sustenta em três eixos conceituais:

1. Política(s) da Performatividade(s)³: possibilidades de construção, de modelagens, enunciados que fazem acontecer, atribuem valores, descrevem, produzem, fissuram, visibilizando e rearticulando as representações em uma direção menos excludente, em que as categorias sejam um permanente lugar de oposição, de abertura e de releitura.
2. Precariedade⁴: compreender as inseguranças, as vulnerabilidades e as violências sofridas pelo “outro” na luta pelo suporte da sua vida.
3. Sociabilidade⁵: processos de interação social, não institucionais, fluidos e efêmeros, mais próximos do espírito humano, dotado de desejos e que possibilita o surgimento de novas formas sociais.

Especialmente na contemporaneidade, a sociabilidade deixa rastros, configura-se em discursos difusos, dispersos, inscritos textual e performativamente, em grande quantidade e rapidez nas comunidades virtuais. Segundo Rebeca Recuero Rebs, as interações sociais advêm das áreas de sociabilidades que se desenvolvem nas redes virtuais, caracterizando as comunidades, por exemplo, o *Facebook*.

Ao buscarem o ambiente “sem fronteiras”, alguns usuários de redes sociais tendem a realizar uma marcação de territórios online [...] É justamente neste espaço de sociabilidade que os sujeitos vão se encontrar com o desígnio de estabelecer relacionamentos sociais e garantir trocas de experiência. (2009, p. 2-3)

Partindo da caracterização das comunidades do *Facebook* como espaços de sociabilidade escolhi como sujeitos para o estudo a juventude, pela amplitude da faixa etária, 15 a 29 anos, e autodeclaradas LGBT(IQ) devido às precariedades da “forma de viver nas sombras”.

³ BUTLER, 1997.

⁴ BUTLER, 2006.

⁵ SIMMEL, 2006.

3. Metodologia

Um lócus de análise das questões relacionadas à sociabilidade, à performatividade e à precariedade pode ser identificado na mídia, pois os discursos hegemônicos e subordinados vão articulando representações que nos constituem como sujeitos. Desta forma é um dos locais pedagógicos que constrói, afirma e (re)significa as normas e, também, provoca resistências, insubordinações, borrando fronteiras pré-estabelecidas.

Dentro dos diferentes artefatos midiáticos que existem em nossa sociedade, destaca-se a cibercultura compreendida aqui como:

uma estrutura midiática ímpar na história da humanidade onde, pela primeira vez, qualquer indivíduo pode, a priori, emitir e receber informação em tempo real, sob diversos formatos e modulações, para qualquer lugar do planeta e alterar, adicionar e colaborar com pedaços de informação criados por outros. (LEMOS, [2009?], p. 48)

A Netnografia é uma das metodologias utilizadas para estudar as práticas sociais virtuais. Observando e coletando os marcadores verbais e não verbais, deste artefato cultural, com caráter qualitativo e de inserção, leva em conta os processos de sociabilidade, os fenômenos comunicacionais e as práticas de consumo dentro das comunidades virtuais. Esta metodologia pode ser utilizada em qualquer ambiente virtual em que pessoas interajam e (re)produzam significações sociais, por exemplo, *Twitter*, *Blogger*, *Facebook* e outros. (BRAGA, 2007)

A técnica a ser utilizada no processo analítico do corpus empírico é a Análise de Discurso foucaultiana que, segundo Rosa Maria Bueno Fischer (2001) para compreender como se procede, devemos entender como estão interligados os conceitos de poder e discurso, o que resulta em complexas formas de investigar as “coisas ditas”, mas desprendendo-se dá ideia desses serem mero conjunto de signos que intencionalmente carregam conteúdos ocultos e como pesquisadoras/es iremos desvelar.

Para Foucault, nada há por trás das cortinas, nem sob o chão que pisamos. Há enunciados e relações, que o próprio discurso põe em funcionamento. Analisar o discurso seria dar conta exatamente disso: de relações históricas, de práticas muito concretas, que estão vivas nos discursos. (2001, p. 198-199)

No livro “A Arqueologia do Saber”, Michel Foucault já explicita que a constituição dos discursos se processa a partir das relações de poder/saber no interior das práticas sociais e que relacionam os modos de falar e de ver, os enunciados e as visibilidades, os textos e as instituições. Desta forma, adoto o conceito de Discurso como “um conjunto de enunciados que se apoiem na mesma formação discursiva”, porque permite situar um

emaranhado de enunciados numa determinada organização, o que possibilita descrevê-lo em suas especificidades e apreendê-lo como acontecimento. (FOUCAULT, 1986, p.135)

Referências

BRAGA, Adriana. Usos e Consumos de Meios Digitais entre Participantes de Weblog: uma proposta metodológica. In: Anais do XVI Encontro da Compós, UTP, Curitiba, 2007. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_162.pdf. Acesso em: 08 jun. 2015.

BUTLER, Judith Vida precaria: el poder del duelo y la violencia. Tradução: Fermín Rodríguez Buenos Aires: Paidós, 2006.

BUTLER, Judith. Excitable Speech: A Politics of the Performative. New York: Routledge, 1997.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a Análise do Discurso em Educação. Cadernos de Pesquisa, n. 114, p. 197-223, novembro, 2001.

FOUCAULT, Michel. A Arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

LE MOS, André L. M. O que é cibercultura: origens e orientações; das ficções à tecno-arte de Pierre Lévy. [2009?] Disponível em: <<http://culturaderede.pbworks.com/f/I+ENCONTRO+IMAGINARIO+CIBERCULTURA.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2013.

REBS, Rebeca Recuero. Em Busca do Concreto: Dos Lugares Virtuais para os Lugares Físicos. Trabalho apresentado no GP – Cibercultura do DT 5 – Multimídias. IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Curitiba. 4 a 7 de setembro de 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1440-1.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências. São Paulo: Cortez Editora, 5ª ed., 2008.

SIMMEL, Georg. A sociabilidade - Exemplo de sociologia pura ou formal. In: _____. Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade. Tradução de Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.